

# As territorialidades, os corpos afetados e as relações de poder em *Rebanho de pedras*, de Ademir Braz

Airton Souza de Oliveira<sup>1</sup>

## Resumo:

Neste artigo, visamos apresentar uma leitura crítica a respeito das representações simbólicas e históricas das territorialidades, dos corpos afetados e das relações de poder, partindo principalmente da análise do livro *Rebanho de Pedras*, do poeta Ademir Braz, como parte de um complexo *corpus* das poéticas entre fronteiras. Nesse sentido, utilizam-se os pensamentos críticos ligados as relações de poder, as identidades, a própria noção de fronteira, centrada em autores/as como Lugones (2019), Malheiros (2015), Foucault (1995), Mignolo (2017), entre outros/as. As análises mostram-nos como a poética entre fronteira se constitui como *front*<sup>2</sup> e, ao mesmo tempo como r-existência, dentro de uma nova economia de relações de poder. Assim, percebe-se o quanto a fronteira é múltipla e que suas relações históricas tensionam e interrogam problemas que são, de alguma maneira, parte dos processos de longa duração, dentro da perspectiva colonial.

## Palavras-chave:

Fronteiras. Identidades. Poética emergente. Relações de poder. Amazônia.

---

1) Airton Souza de Oliveira – Licenciado em História, pela Uniasselvi, licenciado em Letras pela Unifesspa, mestre em Letras pela Unifesspa e doutorando em Comunicação, Cultura e Amazônia na UFPA. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9024-0715>.

2) A noção de pensar a fronteira como *front* parte da concepção postulada pelo professor doutor e pesquisador Bruno Cezar Pereira Malheiros, principalmente de seu artigo intitulado “Territórios e Saberes em disputa: por uma epistemologia da fronteira”, publicada na Revista *iGuana – reflexão Amazônia*, na edição de nº I, em 2015. Malheiros (2015) traz uma reflexão contundente a respeito da fronteira como *front* partindo sobretudo de processos que são considerados como respostas aos projetos de ocupações de terras, ou seja, dos territórios na Amazônia, principalmente no sul e sudeste do Pará.

## 1. Introdução

“Não, não ponham grades;  
Não penso fugir daqui.”  
Ademir Braz

É cada vez mais urgente refletirmos a respeito das poéticas entre fronteiras; suas relações históricas; suas dinâmicas; suas concepções relacionais; seus contextos reais e simbólicos; suas materialidades e todos os processos que são, de alguma forma, indissociáveis das experiências conflituosas nos tensionamentos sociais. No caso da Amazônia, todas essas perspectivas são sempre dissonantes, pois elas desdobram-se em tensões históricas, nitidamente demarcadas como uma espécie de lócus que são e serão sempre fraturantes e que vem, ao longo de todo esse tempo, rasurando supostas verdades como, por exemplo, o procedimento dicotômico de compreensão de mundo ou o projeto que visa homogeneizar as identidades.

Assim, é preciso trazer à tona a tarefa interpretativa de poéticas no entre fronteiras, por mais complexa que possa parecer, principalmente para que possamos compreender minimamente as dinâmicas, as interrogações, os tensionamentos e as contradições que estão em volta dessas poéticas fronteiriças e que estão ligadas, sobretudo, às relações do eu, ao outro, às coisas e ao mundo; de uma poética que põe em crise as dinâmicas de espoliação dos territórios em nome de uma capital, praticamente, invisível à maioria dos subalternizados; que, além disso, mostramos como os conflitos sociais, culturais, políticos, econômicos e identitários perpassam por processos históricos de longa duração, com noções que perduram desde a colonização até hoje e para compreendermos um pouco aquilo que Mignolo (2017, p. 9) denomina de “os níveis em que a lógica da colonialidade opera”, seja por meio do imaginário, como, por exemplo, do mito do

*Eldorado*, seja por meio da própria realidade que afeta o ser e provoca, de certa maneira, o que Lugones (2019, p. 938) caracteriza como “processo de desumanização”. Nesse caso, esse processo refere-se de maneira direta e indireta às formas como as relações de poder afetam os corpos, de maneira a tentar a qualquer custo dominá-los e desumanizá-los, por exemplo.

Como espaços incessantemente cambiantes, as fronteiras parecem se expandir dentro das relações de poder, resultando também em processos de resistências das mais variadas naturezas. Por isso, pensar em poéticas entre fronteiras é refletir a respeito de fenômenos que possuem, de maneira intrínseca, vínculos que estão tanto dentro como fora da própria noção de fronteira. Vale lembrar que esses vínculos são estabelecidos de maneira muito complexa e que estão intersectados ou mesmo justapostos por tudo aquilo que os processos de intersubjetividade podem simbolizar, para além de uma simples relação do eu e o outro, mas das relações que estão atravessadas pelas coisas, a vida, o mundo, a presença, a ausência, o dito e o não dito, mormente onde os corpos afetados são sempre múltiplos, marcados e marcando, incessantemente, a diferença como valor.

À custa disso, a noção de fronteiras adotada aqui não é puramente a materialidade representacional dos espaços geográficos, pois, é também simbólica e, por isso mesmo, de natureza antagônica como também uma construção sócio-histórica marcada pelas relações de poder e pelas formas de resistências. Portanto, as fronteiras são reais e imaginárias, ou seja, elas significam e ressignificam tudo que está dentro e fora de si mesmo, indo ao encontro do que Abdala Júnior (2002) denomina de fronteiras múltiplas.

Contudo, uma das perspectivas adotadas nesse artigo é a proposta de fronteiras

como espaços do *front*; as fronteiras como lugares reais e simbólicos que, diante das histórias, falam, nem que seja balbuciando; as fronteiras como modos políticos pelos quais estão em evidência as dimensões das territorialidades, a consciência histórica e o ser humano, por isso as fronteiras como existência.

Para refletirmos sobre as poéticas entre fronteiras, especificamente suas representações simbólicas, partimos da leitura crítica do livro de poemas *Rebanho de Pedras*, de Ademir Braz<sup>3</sup>, publicado em 2003. Isso não quer dizer que o conjunto dos poemas da obra referida dará conta de mostrar, tanto qualitativa quanto quantitativamente, toda a carga significativa e simbólica das poéticas entre fronteiras. Isso porque é impossível formar um *corpus* das poéticas entre fronteiras que daria conta de abarcar todas as questões que atravessam os sistemas simbólicos, significativos e os mecanismos ou experiências históricas no entre fronteiras, principalmente na Amazônia, pois segundo Paes Loureiro (2008, p. 7), “[...] todo poeta produz poemas que, por sua vez, constituem a sua poética em movimento.” Dessa forma a poética em movimento aludida por Paes Loureiro traz à tona o debate a respeito de como os e as poetas põem em movimento constantes as ressignificações simbólicas ou mesmo concretas, através da palavra.

## 2. As territorialidades na poética entre fronteiras de Ademir Braz

Entre as principais perspectivas para pensarmos a respeito das poéticas entre

fronteiras ou poéticas fronteiriças, para usarmos aqui uma terminologia ainda mais revestida de mobilidade, é perceber o quanto as territorialidades, os processos intersubjetivos, as histórias múltiplas e todas as suas noções materiais e simbólicas estão atravessadas pela representação de uma espécie de gramática da (r)existência, sobretudo a partir daquilo que postula Foucault (1995) sobre as relações de poder. Esta gramática ressignifica, vale lembrar, incessantemente as relações sócio-históricas, recriando processos de interrogações e problematizando os projetos que visam espelhar as territorialidades reais e imaginárias; as identidades ou identificações; os corpos vivos ou mortos e todas as formas de vidas, inclusive a natureza. É, sobretudo, uma gramática capaz de fazer atravessar na carne viva da própria história aquilo que Foucault (1995, p. 233) denomina de “nova economia das relações de poder”, o qual surge, a princípio, segundo o próprio Foucault (1995), a partir das formas de resistências. Estas estão ligadas nas poéticas entre fronteiras aos dramas e aos mais variados sentimentos e temáticas, no caso da Amazônia, podemos citar, por exemplo, os dramas das terras e dos seres humanos.

Dessa forma, as poéticas entre fronteiras mostram-nos como estão imbricadas categorias centradas na ausência e na presença, no dentro e no fora e no dito e no não dito, no caso deste último, que não deixa de ser também uma forma de dizer, não dizendo. Ao mesmo tempo, a partir, por exemplo, de tudo o que foi forjado dentro das territorialidades amazônicas, desde o mito fundador do *Eldorado* até o processo de

---

3) Nasceu em Marabá, no Pará, em 07 de setembro de 1947, terra onde vive até hoje. É jornalista, advogado e poeta. Publicou os livros *Esta Terra* (1981), *Rebanhos de Pedras* (2003) e *A bela dos moinhos azuis* (2015) e organizou as seguintes antologias literárias: *Antologia Tocantina* (1998) e dos *I e II Festival de Poesia, Conto e Fotografia*, respectivamente em 1999 e 2000. Além disso, é membro fundador da Academia de Letras do Sul e Sudeste do Pará.

longa duração do projeto colonial e as histórias traumáticas ainda em curso no espaço amazônico, as poéticas entre fronteiras põem em voga as formas de disputas que estão imbricadas nos processos heterogêneos e aos quais o poeta Ademir Braz responde, problematizando, desde a publicação de seu primeiro livro de poemas intitulado *Esta Terra*, lançado em Marabá, no Pará em 1981, tensionando e interrogando constantemente as relações sociais, culturais, políticas, econômica e histórica. Por conta disso, o poeta e crítico Paes Loureiro escreveu que:

[...] seja pelo musgo de uma doce melancolia, seja pelo afiado e cortante gume de uma socialidade inconformada face às injustiças, Ademir Braz chega a surpreender em muitos poemas, pelo nível de percepção lírica da existência. Tudo isso enriquecido pela fina ironia que, tantas vezes, brota como uma oculta fonte de graça represada na osatura das pedras vocabulares desse rebanho áspero, mas alado e leve. (LOUREIRO, 2003, p. 4)

É justamente nas fronteiras que o poeta Ademir Braz coloca em evidência a socialidade aludida por Paes Loureiro (2003), a partir de noções que contrapõe a perspectiva de que a Amazônia é uma territorialidade homogênea. O poeta utiliza-se da estratégia de fazer com que sua poética volte os olhos sobre a pluralidade dos sujeitos e sobre a explosão de conflitos por toda a região que ele mesmo consegue alcançar, embora isso não possa ser considerado uma espécie de síntese da poética de Ademir Braz, pois o poeta reelabora um *rebanho de pedras* de vários ângulos, entre os quais:

O da estética, produto de esforço linguístico que o torna tão precioso quanto umas daquelas pequenas engrenagens de relógio. [...].  
[...] o do conteúdo social que descreve

no ambiente promíscuo da exploração do latifúndio, da mineração, da indústria madeireira e do moderno opressor que se instalou n'Esta terra. (GUERRA, 2003, p. 13).

Por conta disso, fronteiriçamente, a poética de Ademir Braz traz imbricado em suas imagens as transfigurações de territorialidades que são, antes de mais nada, ambivalentes. Dessa forma, sua relação intrínseca com as fronteiras já não é somente a espécie de um jogo capaz de resultar no desdobramento de um significante homogêneo, mas o desdobrar está ligado diretamente às realidades e estas estão sempre sendo ampliadas. Assim, o poeta faz com que as realidades não sejam condensadas em um significado, mas na possibilidade plural e ao mesmo tempo ambígua por meio, ou não, de outras palavras, principalmente dentro daquilo que Guerra (2003) denomina, conforme vimos, de conteúdo social. Nas últimas três estrofes do poema "Auto-exílio" é possível encontrar esse processo de pluralização e ampliação das territorialidades. Vejamos:

Tem nome, terra  
malsã, madrastra,  
sabe a estupro:  
filha espúria  
de olhos-claros  
(navegador de oceanos)  
e nativa mãe  
teu nome, cidade,  
é odor molesto que à saúde dana  
é pólvora e sangue  
incenso acre  
ruivo fogo mau  
floresta em chamas.

Viajante, escutai:  
Minha terra tem madeiras  
onde cantam motosserras:  
peões que ali viviam  
servem de adubo à terra.  
(BRAZ, 2003, p. 80).

Como é possível perceber nessas estrofes, o poeta Ademir Braz transfigura e desdobra os significados simbólicos, históricos, econômicos e políticos da palavra terra. Assim, ele demarca a relação direta com a apropriação, violência, conflitos e resistências. De certa forma, a terra são as territorialidades transfiguradas e as fronteiras demarcadas no poema estão assinaladas por palavras como: nome; mã; madrasta; filha; nativa mãe; pólvora; incenso e ruivo fogo. Desse modo, o poeta instaura uma espécie de campo de tensão e rupturas que ampliam e ressignificam a simbologia da palavra terra e seus múltiplos conflitos. Quais as consequências disso? As consequências são as transferências de significados que rasuram a noção sistemática de uma Amazônia homogênea. À custa disso, as construções de sentido são, de certo modo, descontínuas e também compreendem as fronteiras como uma espécie de “coexistência conflituosa de estratégias territoriais contraditórias.” (MALHEIROS, 2015, p. 62).

Assim, as territorialidades fronteiriças colocam em crise permanente os projetos que possuem como objetivo primordial a subjugação. De certo modo, é no entre fronteiras que emergem tudo aquilo que foi e vem sendo invisibilizado.

### **3. Palavras que atravessam as urgências sócio-históricas na poética entre fronteiras**

Um dos exemplos emblemáticos para percebermos como as palavras atravessam as urgências sócio-históricas nas poéticas entre fronteiras está no primeiro verso do poema “O guardador de pedras”, do livro *Rebanho de Pedras*, vejamos:

A pá retesa a paz da terra  
e voa atroz a pedra imota.  
Qualquer pá lavra o saibro

se soturno cavo. Tantos  
grãos semeio infértil na seara  
plaina, que diária é minha faina  
entre frutos pecos.  
(BRAZ, 2003, p. 37).

Ou na estrofe final do poema “Sonata para os deuses”, do livro já citado:

Eu não sei o que fazer desta madrugada.  
Um poema? ... Toda arte é completamente inútil.  
Ainda assim, disponho – artesão –  
Palavras em torno do oco noturno.  
Neste instante, nalguma parte do Universo,  
um bêbado afunda-se entre os seios  
da Valquíria insana, e agora é preciso  
consagrar os mortos, desmontar os mitos. (BRAZ, 2003, p. 49).

Na última estrofe do poema citado inicialmente, é possível perceber, através de uma leitura atenta, como o poeta Ademir Braz joga com duas palavras, até mesmo para formar o termo: palavra, pois, no terceiro verso a “pá” e “lavra” formam sonoramente o nome palavra, mas essa simbiose mostra-nos, em parte, aquilo que afirmamos anteriormente a respeito dos conflitos em torno da terra nas Amazônias. É por meio desse jogo que Ademir Braz semeia grãos imprescindíveis nos territórios amazônicos tão vilipendiados.

Já no quinto verso da estrofe final do poema “Sonata para os deuses”, o termo palavra assinala a relação intrínseca entre o poeta e o mundo, simbolizando a relação intrínseca do processo de ressignificação do real. A “palavra em torno do oco noturno” (BRAZ, 2003, p. 49) abre a possibilidade para que Ademir Braz possa fazer aquilo que Mignolo (2017) denomina de abrir horizontes globais, a partir, por exemplo, daquilo que o próprio Mignolo denomina de local.



Fronteiricamente os dois poemas se tocam em vários sentidos, entre os quais, na necessidade do fazer poético; o jogo emblemático e significativo do escuro nas duas estrofes referenciadas – o escuro simbolizando os processos agonísticos que enfrentam as Amazônias; a noção de conflito também presente nos dois poemas é muito evidente, assim como também é a intersubjetividade entre o eu, o outro e o mundo.

No entre fronteiras as palavras poéticas associam-se a uma espécie de política simbólica, pois seus (re)significados reverberam, de alguma forma, os sentidos circunscritos nas realidades. Contudo, este não é o caráter em definitivo das palavras poéticas no entre fronteiras, porque elas estão ligadas a diversas relações emblemáticas entre as literaturas e a vida, em contradições perenes.

Assim, as poéticas no entre fronteiras provocam contínuas rupturas e paradigmas históricos. Seus mecanismos, se é que é possível falarmos em mecanismos – um termo tão problemático – constituem as experiências entre o real e o imaginário. Desse modo, no entre fronteiras as palavras problematizam e interrogam os esquemas que visam, sobretudo, o silenciamento, às invisibilidades e a todas as formas de violência que atravessam diretamente as territorialidades amazônicas e as formas de vida em sua diversidade. Nesse caso, vale ressaltar que especificamente na poética de Ademir Braz “a palavra diz o que o poeta quer dizer” (GUERRA, 2003, p. 13).

Um dos estranhamentos provocados pelas poéticas no entre fronteiras é lidar com repertórios ou temáticas em que os vários significados se intersectam e reelaboram como dicções inesgotáveis e, não à toa, trazem como provocações os sentimentos sobre as coisas, os seres e o mundo. Ademir Braz mesmo por meio da

poética de um rebanho de pedras esgarça a palavra e a faz desdobrar-se sobre/com a vida; a morte; o silêncio; o amor; a saudade; os vazios; a agonia; as paisagens; a solidão e até mesmo “a aurora sem degrado” (BRAZ, 2003, p. 62).

Desse modo, as poéticas no entre fronteiras – suas sintaxes, seus léxicos, seus vocábulos, suas imagens – não ocupam um lugar vazio deixado pela história, mas um lugar ou lugares que determinados projetos de dominação tentaram invisibilizar, silenciar, homogeneizar e violentar. É como se a palavra poética que emerge das e nas fronteiras soubesse como nenhuma outra rasurar e deslocar os sentidos atribuídos às coisas, às vidas e às territorialidades. Dessa forma reelaboram uma relação que pode ser caracterizada como fluxos e contra fluxos, delineando movimentos, ambiguidades e trazendo à tona os lugares e as contradições que as territorialidades de fronteiras possuem e, principalmente, os ditos e não ditos dos que supostamente estão ausentes da história.

#### **4. Os corpos afetados no Rebanho de Pedras**

Nas fronteiras, os corpos afetados estão sempre prontos para responder a todas as dinâmicas de exploração e dominação. Dessa forma, os corpos são ou estão sempre presentificados. Dentro das poéticas entre fronteiras não é difícil identificar a presença de corpos que foram ou estão afetados por toda uma gama de problemas que se correlacionam com as territorialidades fronteiriças, como é o caso da Amazônia, sobretudo, através de projetos que falaciosamente elaboram discurso de progresso e desenvolvimento.

É preciso ter clareza, sobretudo, que a noção de fronteira não está particularmente restrita a ideia de território ou mesmo das territorialidades, pois para compreendermos

a noção de fronteira é necessário levarmos em conta que ela está também atrelada aos corpos, não como pura coexistência, mas como *front* e *r*-existência. Por conta disso vale enfatizar que refletir a respeito das poéticas de fronteira é também refletir sobre os corpos, principalmente os afetados.

Por isso faz-se necessário destacar que, no caso da Amazônia, os corpos distendem a noção das próprias fronteiras, porque basicamente os mecanismos de poder e as relações de sentido desses lugares perpassam denotativa e conotativamente pelos corpos. E é justamente dessa zona de fronteiras que fala também a poética de Ademir Braz, principalmente dos processos de espoliações desses corpos – ““Já foi bom aqui”, diz o nativo,/ guaiamuns enormes, camarões...”,/ e o dedo aponta entre nuvens raras/ o manguezal em ruínas./ “Para onde foram, caçara?”/ “Ah, cum cortá cotoco o mangue,/ caba cum tudo. Progresso, diz que...”/ (“Ouça, homem do mar: para lá/ do distante, onde o sol naufraga/ em cinzas sem que vingue a tarde, ossos gigantes que já foram árvores,/ adornam estradas onde era o verde./ Lá nasci, pescador!...”). E, mal penso,/ nada digo: soaria assim messiânico,/ infenso ao mangue e ao mar:/ eu só me quero amazônico/ síntese de fúrias e preságios.” (BRAZ, 2003, p. 95) - do amor presente neles – “A minha alma é um mar sem praias,/ abismo claro onde sopram ventos;/ meu coração, batel de velas gaias,/ navega afoito entre sóis e tempos.//[...]/ Esse amor, todo ternura que me dana,/ é de mim carrasco e própria sorte:/ em seus enredos, uma espantosa morte/ tece-me a vida em devolutas chama.” (BRAZ, 2003, p. 94) - de suas dores – “Ah, minha geração tem no lado esquerdo do rosto/ Um olho de vidro cheio de raiva dos degelos./ No outro pisca a órbita rasgada a coturnos./ Mas tu, com que fogo me embebedas?/ Com que vinho me alimentas a alma inquieta?” (BRAZ, 2003, p. 45) - de suas mortes constantes – “Vês? Tu e eu morremos um para o outro/

diariamente. (Somos o que somos. E Somos/ apenas memória do que formos). (BRAZ, 2003, p. 27) – das desesperanças – “O morto, sim, é voo perfeito/ entre andorinhas e caracóis./ (Um dia, breve, em mim reflexo/ também à terra doarei meus pós). (BRAZ, 2003, p. 37) - das experiências históricas de longa duração – “Os homens trabalham na boca do poço./ Erguem-na com tijolos argamassa e conversam:[...]/ Olho-os com simpatia:/ há milênios, com pedra argamassa/ e a mesma airada maldicência/ os dois ergueram n’África pirâmides/ e altares nas Américas.” (BRAZ, 2003, p. 92) - e de toda uma estrutura que foi modelada para que esses corpos fossem apenas lacunas dentro da realidade histórica da região amazônica.

Por meio dessa relação entre fronteiras e corpos ambos se distendem. Têm-se nelas a ampliação não só simbólica de seus significados, mas também a evidência de processos que causam fraturas na própria especulação do que seriam a fronteira – puramente território – e os corpos, que nas Amazônias foram sempre subjugados, silenciados e violentados, e ao mesmo tempo a interrogação dentro da lógica de poder colonial que se estende, historicamente, até os dias de hoje nas Amazônias.

Os corpos no entre fronteiras são e estão marcados pela questão relacional. No entanto, eles não formam ou conformam contrapontos, mas tencionam, interrogam, problematizam uma determinada lógica de dominação. Por conta disso os corpos nas poéticas fronteiriças contribuem para abrir ou formular processos descontínuos e é essa uma de suas múltiplas singularidades ou como diz o poeta Ademir Braz no poema “Zodíaco”, vejamos:

Cavalgo o ar nu em pelos  
centauro entre espelhos  
mandinga ocidental.  
Da margem em que me ponho

sonho  
noutra margem a margem  
irreal  
Não trago entre os dedos  
medos:  
erro entre as cigarras  
no quintal.  
(BRAZ, 2003, p. 87)

O corpo desdobra-se entre espelhos, mandingas ocidentais, margens, sonho e quintal. Os horizontes ampliados conduzem, sutilmente, a uma desordem natural do entre fronteiras. Desse lugar ou lugares o poeta Ademir Braz traz, por meio de sua poética, “uma verdade tão surpreendente/ que, dita, arruinaria para sempre/ os deuses”. (BRAZ, 2003, p. 98).

No entre fronteiras os agenciamentos dos corpos e toda a sua dimensão representacional e política estão marcados por tensionamentos mútuos, particularmente assinalam as diferenças e ampliam as circulações de sentidos. No caso da Amazônia, esses corpos sempre silenciados e violentados historicamente estão representados na poética de Ademir Braz, por exemplo, não apartados da natureza, da paisagem, das territorialidades, mas como se fossem parte de toda a diferença.

Ademir Braz faz com que os corpos presentificados nos poemas estejam, sobremaneira, também fora dos poemas, estando o tempo inteiro imersos nas realidades fronteiriças, a partir das histórias dos que foram silenciados, subalternizados e até mesmo assassinados. Desse modo, os corpos se distendem na fusão entre o imaginário e o real, pois:

A arrogância daquela poesia crente em modificar o Mundo, apenas com o poder do Verbo (típica dos *engagés* da poesia dita comprometida, e que caracterizou boa parte de seus primeiros escritos) perdeu-se talvez na labuta

diária, na consciência de que a Arte, antes de tudo, deve ser bela, iluminar a existência. (COSTA, 2003, p. 11).

Ao longo de todo o *Rebanho de Pedras* fica perceptível que os corpos, mesmo quando estão ausentes, silenciados, dentro de uma lógica do suposto não dizer, falam. Ocupam seus lugares, suas territorialidades e temporalidades na história, para enunciar a própria singularidade e a própria dicção nas fronteiras, como é possível perceber em vários poemas, entre os quais podemos destacar em “O guardador de Pedras” – “Soturno, cavo. Chamam-me Santo/ os insepultos e Santo ecoam/ os mortos que cultivo ao sol” (BRAZ, 2003, p. 37), também em “Auto-exílio” – “Minha terra tem madeiras/ onde cantam motosserras:/ peões que ali viviam/ servem de adubo à terra.” (BRAZ, 2003, p. 80), mais ainda em “Visagens do Eldorado” – “Ah, teus mortos são péssimos interlocutores./ Não adianta assediá-los o féretro,/ visitar-lhes o túmulo (se os têm):/ riem por detrás da morte descarnados/ opondo ao diálogo a denúncia muda.” (BRAZ, 2003, p. 98), ou ainda em “Elegia de Verão” e “Balada matinal para aquele um”, poema que inclusive é dedicado a Fred Morbach. Esses últimos três poemas citados e que estão em sequência dentro do livro formam uma espécie de síntese na qual os processos de errâncias no entre fronteiras estão marcados até mesmo pelos corpos mortos que falam ou fazem alguém falar.

## 5. Considerações finais

Como foi possível constatar, o presente trabalho parte de reflexões a partir de um lugar dentro do que está sendo evidenciado como entre fronteiras, em uma parte da Amazônia, especificamente a região sudeste do Pará. Assim, uma de suas propostas é trazer à tona a ampliação do pensamento crítico entre poesia, corpos, poder, disputas



de significados históricos e a própria noção de fronteiras, especificamente a partir do livro de poemas *Rebanho de Pedras*, do poeta Ademir Braz. Livro este publicado em 2003, através do projeto Usimar Cultural, dividido em seis em partes, sendo elas: *Intróito, Terra da criação, Portal, Gado urbano, Gado rural e Post Scriptum*, contendo, ao todo, 54 poemas. Além disso, o livro possui prefácio escrito pelo pesquisador, professor e escritor João de Jesus Paes Loureiro e textos de apresentações escritos por Júlio César Costa e o jornalista Gutemberg Guerra.

Vale lembrar que as poéticas entre fronteiras, como ficou perceptível, não parte da noção de Amazônia como sendo uma espécie de teatro do mundo, onde a encenação é parte inerente de suas lógicas, mas como poéticas que encaram as realidades e as suas especificidades históricas, por mais despóticas que elas possam parecer. As poéticas nas fronteiras encaram as realidades como *front* e de maneira simbólica e significativa evidenciam outros modos de (r)existência. Elas dissolvem os limites de uma linguagem apenas simbólica, fazendo atravessar em seu corpo lírico a política, a economia, a cultura, as identidades e a história.

Assim, por conta de seu próprio movimento - seja temporal, territorial ou temático - as poéticas no entre fronteiras operam fortemente nas experiências associativas entre a linguagem simbólica e as realidades. Nesse caso, o livro *Rebanho de Pedras* é uma mostra da maneira como a condição de movimento constitui-se, a partir, por exemplo, das lacunas que o livro abre e nos faz inquirir se estamos diante de uma poesia rural ou urbana; se é real ou ficção; se é apenas figurativa ou transfiguração; se é denotativa ou conotativa ou se, talvez, o poeta Ademir Braz faz apenas aquilo que Malheiros (2015) nos convoca a fazer, que é encarar a realidade

da fronteira pois, segundo este, "A fronteira [...] mostra-se como espaço produzido por uma simultaneidade de processos distintos e articulados" (MALHEIROS, 2015, p. 56).

Se é possível afirmar que no campo da significação o livro *Rebanho de Pedras* tem uma unidade temática, esta atravessa, de maneira dissonante, o eu, os outros, as múltiplas territorialidades, as violências, as mazelas e todo o arcabouço da r-existência que se expande sem cessar. Em suma, as poéticas no entre fronteiras tensionam o dentro e o fora. Com isso elas não fazem um movimento rumo ao binarismo ou à negação da diferença no mundo, mas problematizam e interrogam, sem cessar, tudo o que o dentro e o fora representaram e representam na história.

## Referências

ABDALA JUNIOR, Benjamin. *Fronteiras múltiplas, identidades plurais – ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural*. São Paulo: Editora Senac, 2002.

BRAZ, Ademir. *Rebanho de Pedras*. Marabá-Pará: Grafecort, 2003.

COSTA, Júlio César. *Iluminuras*. In.: BRAZ, Ademir. *Rebanho de Pedras*. Marabá-Pará: Grafecort, 2003, p. 11.

FOUCAULT, Michel. *O sujeito e o poder*. In.: DREYFUS, Hubert L. e RABINOW, Paul. Michel Foucault. Uma trajetória Filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.

GUERRA, Gutemberg. *A arte do operário da mensagem*. In.: BRAZ, Ademir. *Rebanho de Pedras*. Marabá-Pará: Grafecort, 2003, p. 13.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Pedras que*

*Cantam*. In.: BRAZ, Ademir. *Rebanho de Pedras*. Marabá-Pará: Grafecort, 2003, p. 03-09.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *A arte como encantaria da linguagem*. São Paulo: Escrituras Editora, 2008.

LUGONES, Maria. *Rumo a um feminismo decolonial*. In.: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa. *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p 357-378.

MALHEIROS, Bruno Cezar Pereira. *Territórios e Saberes em disputa: por uma epistemologia da Fronteira*. In.: TROCATE, Charles. *iGuana: reflexão amazônica*. Nº 1. Marabá-Pará: Editorial iGuana, 2015, p. 55-79.

MIGNOLO, Walter D. *O lado mais escuro da modernidade*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro - RJ, v. 32, n. 94, junho/2017, p. 01-18.